

Vol. 01, **Nº 03** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PELOS VEIOS DIALETOLÓGICOS E A
PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA: UM BREVE PASSEIO PELOS
DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – ALIB**

Genivaldo da Conceição Oliveira

Marcela Moura Torras Paim

Variação linguística pelo viés dialetológico e pela perspectiva sociolinguística: um breve passeio pelos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB

Linguistic variation through dialectological foundations and sociolinguistic perspective: a brief tour of data from the Project Brazilian Linguistic Atlas – ALiB

Genivaldo da Conceição Oliveira¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8382-6790>

Latyes: <http://lattes.cnpq.br/4481815689860468>

Marcela Moura Torres Paim²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1303-3763>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/749110175871163>

RESUMO: Este estudo objetiva apresentar conceitos e aspectos metodológicos da Dialetologia e da Sociolinguística e exibe as várias formas como se dá a variação linguística, como a variação diatópica, diastrática, diageracional e diassexual. Apresentamos, também, um breve percurso histórico dos atlas linguísticos desde o trabalho geolinguístico de Gilliéron na França no século XIX até dados atuais do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O recorte do ALiB que trazemos neste estudo, refere-se à questão 01 do Questionário Semântico-Lexical (QSL). O qual tem por finalidade demonstrar como os dados fornecidos por atlas linguísticos podem contribuir para maior conhecimento das variações dialetais. Observamos que o léxico fornecido pelos informantes apresenta mais homogeneidade do que heterogeneidade. Visamos com esse trabalho teórico-analítico contribuir para um melhor conhecimento do Português Brasileiro, tal como se apresenta nas cidades de Salvador e Curitiba que fazem parte da rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) nos Estados da Bahia e do Paraná, respectivamente. Pretendemos, também, com esse estudo fornecer aos estudiosos da língua portuguesa, como linguistas, lexicólogos, entre outros, informações para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do aspecto multidialetal do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Atlas Linguísticos. Dialetologia. Sociolinguística. Variação Linguística.

ABSTRACT: This study presents concepts and methodological aspects of Dialectology and Sociolinguistics and displays the various ways in which linguistic variation occurs, such as diatopic and diastratic variation. We also present a brief historical trajectory of linguistic atlases from Gilliéron's geolinguistic work in France in the 19th century to current data from the Brazilian Linguistic Atlas (ALiB). The ALiB section that we bring in this study refers to question 01 of the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL). We observed that the lexicon provided by the informants presents more homogeneity than heterogeneity. With this theoretical-analytical work, we aim to contribute to better knowledge of Brazilian

¹ Professor Associado da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB. Professor visitante em 2024 do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Pós-Doutorado em Sociolinguística, Dialetologia e Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE. Possui Doutorado em Língua e Cultura com pesquisa em Dialetologia, Lexicologia e Sociolinguística pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Possui Mestrado em Linguística pela Universidade do Texas em Austin, Estados Unidos da América - UT at Austin, USA, com especialização em Fonética e Fonologia.

² Professora Titular de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2007). Realizou Estágio Pós-Doutoral na Universidade Estadual de Feira de Santana. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2001) e mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2005).

Portuguese, as it is presented in the cities of Salvador and Curitiba, which are part of the network of points of the Brazilian Linguistic Atlas (ALiB) in the states of Bahia and Paraná. We also intend, with this study, to provide scholars of the Portuguese language, such as linguists, lexicologists, among others, information to improve teaching/learning and for better interpretation of the multidialectal aspect of Brazil.

KEYWORDS: Dialectology. Linguistic Atlases. Linguistic Variation. Sociolinguistics.

Introdução

As primeiras pesquisas dialetais procuravam mostrar diferenças geográficas ou diatópicas e o interesse pelo entendimento da realidade linguística dentro de um espaço físico levou ao desenvolvimento de trabalhos com o objetivo de retratar áreas e de apontar a realidade linguística de um território politicamente definido.

Neste estudo, visamos apresentar conceitos e aspectos metodológicos da Dialectologia e da Sociolinguística e exibir as várias formas como se dá a variação linguística, como a variação diatópica, diastrática, diageracional e diassexual. Apresentamos, neste estudo, um breve percurso histórico dos atlas linguísticos desde o século XIX na França até dados atuais do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

O recorte do ALiB que trazemos neste estudo, refere-se à questão 01 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), o qual tem por objetivo demonstrar como os dados fornecidos por atlas linguísticos podem contribuir para maior conhecimento das variações dialetais. A metodologia utilizada obedece aos aspectos metodológicos do ALiB. Analisamos os dados de Curitiba, Paraná e Salvador, Bahia, cidades que não apresentam contiguidade geográfica e estão localizadas em regiões diferentes, Sul e Nordeste, respectivamente, para averiguar se o léxico fornecido pelos informantes apresenta mais homogeneidade ou heterogeneidade.

Cardoso (2010), fundamentada em Rossi (1967), observa que o fato apurado em uma área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais à proporção que se preste ao confronto com o fato correlato, mesmo que por inexistência, em outra área. Portanto, os estudos dialetológicos buscam, inicialmente, identificar os mesmos fatos, seja pela presença ou ausência de fenômenos considerados em áreas distintas. As diferenças espaciais se destacam em relação às outras. Isto se deve ao fato de que os indícios de aproximação ou distanciamento dos fenômenos alcançam maior nitidez e mais fácil percepção nos espaços físicos, ou seja, geográficos.

Oliveira (2014) diz que o espaço físico mostra variedades linguísticas que ocorrem de uma região para outra. O interesse por este tipo de informação não está apenas em elencar dados intercomparáveis, mas também em elencar a ausência de tais dados. Podemos, então, dizer que são intercomparáveis tanto os dados presentes

em uma região e outros presentes em outras, como também os dados existentes em uma região comparados à sua ausência em outra.

Com base em Cardoso (2010), observamos que há duas características importantes na origem da Dialetologia independentemente do princípio metodológico usado. A primeira característica é o reconhecimento das diferenças ou das semelhanças que a língua transmite. Outra característica é o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados. A Dialetologia não pode desconsiderar fatores extralinguísticos, próprios do falante, da mesma maneira que não pode desconsiderar as implicações que estes fatores acarretam nos atos da fala. De maneira que idade, sexo, escolaridade e características socioculturais se tornam elementos de pesquisa que convivem com a busca de identificação de áreas dialetais. Neste ponto, é possível ver uma confluência de propósitos entre a Dialetologia e a Sociolinguística, uma vez que ambas as disciplinas detêm-se em estudar a variação linguística. Portanto, os enfoques diatópico e sociolinguístico estão presentes tanto na Dialetologia quanto na Sociolinguística. Todavia, o que as distingue é a forma de tratar os fenômenos e a perspectiva que cada uma imprime à abordagem dos fatos linguísticos. A Dialetologia tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos estudados, demonstrando seu caráter eminentemente diatópico, embora considere fatores sociais. Por outro lado, Cardoso (2010, p. 26) observa que “a Sociolinguística centra-se na correlação entre fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando as relações sociolinguísticas”, embora estabeleça a intercomparação entre dados do ponto de vista espacial. Portanto, é possível afirmar que a Dialetologia tem duas diretrizes que são “a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico”. No curso da história, Cardoso (2010, p. 27) afirma que “as diferenças dialetais têm sido explicitadas em diversificadas manifestações, em momentos distintos e motivadas por razões as mais variadas e se têm constituído em alvo de interesses políticos, *lato sensu*, os mais diferenciados”.

1 Variação linguística – geográfica e social

A variedade linguística depende de variedades geográficas ou diatópicas, bem como de variedades socioculturais ou diastráticas. As variedades diatópicas, os regionalismos, acontecem em um plano horizontal da língua e se originam dos dialetos ou falares locais, que se mostram por meio de uma linguagem aparentemente comum do ponto de vista geográfico. Estas variedades se distinguem em linguagem urbana e a linguagem rural. A linguagem urbana é influenciada por fatores culturais

como a escola, meios de comunicação de massa e literatura e está mais próxima da linguagem comum. A linguagem rural é mais isolada e conservadora e vem desaparecendo com a chegada da urbanização. Entretanto, a Dialetologia e a Geografia Linguística (Geolinguística) tradicional têm se empenhado em catalogar e analisar as particularidades linguísticas de comunidades rurais. As variedades socioculturais ou diastráticas surgem em um plano vertical dentro de uma comunidade urbana ou rural e podem estar atreladas a fatores relacionados ao falante – ou ao grupo a que pertence – ou à situação ou a ambos ao mesmo tempo.

O pensamento em encontrar fatos linguísticos nos espaços geopolíticos tem sido uma constante na história da pesquisa dialetal. Cardoso (2010, p. 49) afirma que:

a preocupação com as características sociais dos informantes e as suas implicações no uso que fazem da língua não tem passado à margem dos objetivos da dialetologia e, especificamente, da geografia linguística”.

Fatores sociais como a escolaridade, a profissão, a idade e o sexo têm se tornado aspectos da variação linguística que têm tomado corpo na pesquisa dialetal. Para Chambers e Trudgill (1994), a variação social de uma língua é tão comum e importante quanto a variação diatópica. Para eles, todos os dialetos são tão espaciais quanto sociais já que os falantes têm ao seu redor um entorno social e geográfico.

Variação por idade ou diageracional tem sido comentada desde o século XIX, como afirma Cardoso (2010). Fundamentada em Pop (1959), ela afirma que a familiaridade com a idade dos informantes é indispensável para comparar as divergências que existem entre o falar dos jovens e o falar dos adultos, e determinar o seu ponto de origem.

Variação por sexo ou diassexual, assim como a variação diageracional, constituem-se em interesse dos estudiosos da Dialetologia desde seus primórdios. Coulthard (1991) expõe que homens e mulheres não falam exatamente da mesma maneira. Segundo ele, a diferença sexual mais patente ocorre provavelmente na altura da voz, pois a voz da mulher é, na maioria dos casos, uma oitava mais alta do que a do homem, já que as cordas vocais dos homens são mais longas, vibram mais lentamente produzindo sons mais baixos. Esta característica, por si só, já indica o sexo de um falante ao telefone ou à distância. Entretanto, devemos salientar que esta assertiva de Coulthard nem sempre representa a realidade, uma vez que há alguns homens com vozes agudas e algumas mulheres com vozes graves. Ele próprio afirma que “a altura da voz pode ser alterada para servir como indicador sexual” (p. 20), fenômeno paralinguístico que não é o único traço de distinção entre a fala do homem e a fala da mulher, e cita outros elementos de diferenciação como entoação,

vocabulário, tópico e controle de tópico. Para ele, homens e mulheres têm estilos interativos diferentes e também possuem assuntos preferidos e modos diferentes de usá-los.

Variação por nível de escolaridade ou por profissão se enquadra dentro do que denominamos de variação diastrática. A condição social é um fator importante para o reconhecimento de que podem existir dois usos diferenciados da língua no mesmo lugar. Cardoso (2010, p.54), fundamentada em Pop, observa que durante a realização dos inquéritos para o *Atlas Linguistique de La France* de Gilliéron, o mesmo declarou que “nós estamos mal informados sobre o grau de instrução dos informantes”. Contudo, Pop reconhece que poderia agrupá-los em duas categorias: a) pessoas cuja ocupação supõe uma instrução secundária; b) pessoas cuja ocupação poderia indicar apenas uma instrução primária. A classificação dos informantes por idade ou sexo se apresenta como tarefa fácil. Contudo, a classificação por classe social é mais complexa, embora os linguistas tenham adotado um enfoque de certa forma simples, como agrupá-los de acordo com fatores como o grau de escolaridade, emprego e moradia.

Dessa forma, constatamos que a linguagem e a maneira de dizer as coisas se apresentam distintas e obedecem às idiosincrasias de cada indivíduo, o que chamamos de idioleto. Contudo, Biderman (2001, p. 28) comenta sobre outras dimensões nas quais a variação linguística está inserida ao afirmar que:

A variação linguística patenteia outras dimensões mais gerais. A regional, por exemplo. As isoglossas, que delimitam linguisticamente uma região e lhe dão uma personalidade própria, definem o conceito que rotulamos de *dialeto*. Caminhando progressivamente desde os idioletos, passando pelas variações dialetais, chegamos ao último estágio da análise sociolinguística, onde já ficou para trás o que era diversidade e atingimos agora a plataforma das uniformidades, ou seja, a língua nacional. Entretanto, o conceito de língua não se fundamenta apenas em critérios linguísticos; comporta elementos ecléticos como a tradição cultural e a coordenada política. Na verdade, a língua nacional de um Estado moderno assenta-se em duas colunas: a entidade político-social chamada nação e a cultura do povo que constitui essa nação. Eis por que a língua é continuidade, é história, ao passo que o sistema pode ser considerado como um estado sincrônico na sequência evolutiva da língua. (Biderman, 2001, p. 28).

1.1 Diversidade linguística – variante e variável

Formas linguísticas em variação estão presentes em todas as comunidades de fala. Estas formas são chamadas de variantes que são, na verdade, maneiras diferentes de falar a mesma coisa no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade ou valor aproximado da verdade. Estas variantes, por sua vez, estão sempre competindo

dentro da comunidade de fala à qual pertencem. Desta maneira, temos as variantes padrão e não padrão, aquelas que são conservadoras contra as que são inovadoras e, finalmente, as variantes que recebem algum tipo de estigma em oposição àquelas de prestígio. Geralmente, uma variante padrão é considerada conservadora e possui maior importância sociolinguística dentro da comunidade. Em contrapartida, uma variante inovadora tende a ser não-padrão e é, portanto, estigmatizada pelos falantes da comunidade a que pertence. A título de ilustração, trazemos a presença do segmento fônico /s/ como marca de plural no sintagma nominal que é a forma padrão, conservadora e, portanto, de prestígio. Ao passo que a não marcação do plural /s/ no sintagma nominal é estigmatizada, como em *os meninos altos* e *os menino alto*.

Labov (2008, p. 260) observa que “no curso da evolução linguística, a mudança caminha para se completar, e regras variáveis se tornam invariantes. Quando isso acontece, há outra mudança estrutural que compensa a perda de informação envolvida”. Isto significa dizer que, se uma regra variável for constante, ela oferece aos aprendizes da língua informação suficiente para manter as distinções básicas e as formas subjacentes. Tarallo (1997) comenta que nem tudo que varia sofre mudança e que toda mudança linguística pressupõe variação uma vez que mudança é variação. Para Coseriu (1979, p. 64), a língua não muda completamente, porque se refaz. O falante não cria integralmente a sua expressão, mas utiliza o sistema que lhe é oferecido pela comunidade, além disso, aceita também a realização que a norma tradicional lhe fornece. Ele não inventa totalmente sua expressão, mas utiliza modelos anteriores porque este indivíduo é um ser histórico e porque a língua pertence a sua historicidade. Isto quer dizer que a expressão que é usada pelo falante tem uma história que a precede.

A diversidade linguística está relacionada não apenas com a questão territorial, mas também com a questão da desigualdade social, o que pode desencadear variação diastrática entre indivíduos que compartilham a mesma comunidade de fala. Bagno (2000, p. 16), neste sentido, observa que:

No Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito – mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre falantes das variedades não-padrão de português brasileiro – que são a maioria de nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola. (Bagno, 2000, p. 16).

Para Preti (2003), as variantes decorrentes de faixas etárias, considerando o locutor adulto, restringem-se mais ao vocabulário. Para ele, a chamada linguagem jovem se refere a um vocabulário gírio, cujos limites são meio vagos. Este autor diz que a oposição entre a linguagem do homem e a linguagem da mulher pode indicar diferenças evidentes, sobretudo no léxico por conta de tabus morais. Contudo, ele aponta que essa oposição vem perdendo sua significação, especialmente nas cidades grandes, porque os meios de comunicação de massa, o teatro, a transformação dos costumes e padrões morais têm exercido um papel nivelador expressivo. Outro fator é a profissão do indivíduo que funciona no campo da linguagem técnica em que os falantes usam um vocabulário condizente com sua atividade. Além disso, a posição social requer que o falante tenha um cuidado especial com a linguagem que usa visando ter destaque dentro do grupo em que atua. Preti afirma que as influências de todos esses fatores de diversidade linguística geralmente se acentuam mais no léxico, porém é expressiva na fonologia, mas diminuta na morfossintaxe.

A língua é variável e se manifesta de modo variável. Em termos gerais, podemos dizer que os falantes de uma língua utilizam elementos distintos para expressar coisas distintas e que também usam elementos linguísticos diferentes para dizer as mesmas coisas. Sobre esse aspecto, assim se manifesta Moreno Fernández:

Às vezes, o uso de um elemento em lugar de outro do mesmo nível não supõe nenhum tipo de alteração semântica, de maneira que se usar um ou usar outro está se dizendo a mesma coisa. Isto é o que os sociolinguistas chamam de variação linguística”. (Moreno Fernández, 1998, p. 17, tradução nossa)³.

Variável linguística é o elemento, traço ou unidade linguística que pode se apresentar de maneiras diferentes, isto é, de forma variável. Portanto, uma variável linguística é um conjunto de expressões do mesmo elemento e cada uma das manifestações ou expressões de uma variável recebe o nome de variante linguística. A variação pode ser determinada e explicada por fatores sociais, bem como por fatores geográficos (variação geolinguística), situacionais (variação estilística), históricos (variação histórica) e pode ser encontrada quase que em todos os níveis da língua desde o mais concreto – fonético/fonológico – ao mais vasto – discurso – atravessando a gramática e o léxico.

No momento em que nos referimos aos fatores que ocasionam o surgimento de variantes linguísticas, apontamos sempre que tais fenômenos ocorrem dentro de uma comunidade de fala, que é assim conceituada por Moreno Fernandez (1998):

³ “Hay ocasiones em que el uso de un elemento en lugar de otro del mismo nivel no supone ningún tipo de alteración semántica: tanto si se usa uno como si se usa outro, se está diciendo lo mismo. Esto es lo que los sociolinguistas denominan variación linguística.”

Uma comunidade de fala é formada por um conjunto de falantes que compartilham efetivamente, pelo menos, uma língua, contudo, além disso, compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística: compartilham as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, um mesmo critério na hora de valorizar socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos. Os membros de uma comunidade de fala são capazes de se reconhecerem quando compartilham opiniões sobre o que é vulgar, o que é familiar, o que é incorreto, o que é arcaizante ou antiquado. Por isso, o cumprimento das normas sociolinguísticas que obriga o pertencimento a uma comunidade pode servir de marca diferenciadora, de marca de grupo, e por isto os membros de uma comunidade costumam acomodar seu discurso a normas e valores compartilhados. Uma comunidade de fala é basicamente uma comunidade de consenso, de sintonia entre grupos e indivíduos diferentes, onde conflitos são minimizados. (Moreno Fernández, 1998, p. 19-20, tradução nossa).⁴

A variação linguística acontece em diversos níveis da fala, dentre os quais a variação fonética e fonológica parece ser a mais estudada e, portanto, mais conhecida. As variantes de um fonema, geralmente, não supõem nenhuma mudança de significado. Observa-se uma correlação entre certas variantes linguísticas e certos fatores sociais e situacionais, como assinalam diferentes autores entre os quais Moreno Fernández (1998), pois umas variantes se encontram, sobretudo, em falantes com certas características sociais e em específicas situações, ao passo que outras variantes se encontram em outros tipos de falantes.

A variação gramatical, ou seja, morfológica e sintática, tal qual a fonético-fonológica, pode ocorrer por conta de fatores linguísticos ou pela combinação de fatores linguísticos e sociais. Como é autoexplicativo, as variáveis morfológicas afetam elementos da morfologia, cuja variação raras vezes implica níveis sintáticos e pragmáticos e que costumam ser determinadas por fatores tanto sociolinguísticos e estilísticos quanto por fatores históricos e geográficos.

Uma das dificuldades para o estudo da variação lexical é a determinação de correspondência entre variantes. Esta análise encontra problemas, especialmente no nível semântico-lexical, quanto à existência ou impossibilidade de explicar as equivalências por um viés teórico da sinonímia. Moreno Fernández (1998, p. 29) observa que “a Sociolinguística tem se tornado, quase por necessidade epistemológica, uma defensora da existência da sinonímia, pelo menos no nível do

4 “Una comunidad de habla está formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten unas mismas actitudes lingüísticas, unas mismas reglas de uso, un mismo criterio a la hora de valorar socialmente los hechos lingüísticos, unos mismos patrones sociolingüísticos[...] Los miembros de una comunidad de habla son capaces de reconocerse cuando comparten opinión sobre lo que es vulgar, lo que es familiar, lo que es incorrecto, lo que es arcaizante o anticuado. Por eso el cumplimiento de las normas sociolingüísticas al que obliga la pertenencia a una comunidad puede servir de marca diferenciadora, de marca de grupo, y por eso los miembros de una comunidad suelen acomodar su discurso a las normas y valores compartidos[...] Una comunidad de habla es básicamente una comunidad de consenso, de sintonía entre grupos e individuos diferentes, donde el conflicto está minimizado.”

discurso”. As unidades léxicas podem se encontrar semanticamente neutralizadas no discurso, contudo, há ainda a dificuldade em demonstrar que duas ou mais variantes são equivalentes. Ao mesmo tempo, busca-se identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais: léxico jovem, léxico profissional, léxico marginal, entre outros. Por conta da escassa frequência com que variantes lexicais alternam no discurso, alguns estudiosos têm optado por localizar variáveis fora do discurso natural e continuado por meio de pesquisas e questionários. Moreno Fernández (1998) afirma que estudos da variação lexical demonstram que este tipo de variação envolve fatores extralinguísticos, como traços sociológicos, situações, crenças e atitudes, embora fatores linguísticos e prosódicos possam também estar implicados no processo.

2 Geografia linguística, Dialetoлогия e Atlas Linguísticos

Chambers e Trudgill (1994) descrevem as representações de áreas dialetais até a metade do século XIX como intuitivas e fortuitas. As primeiras tentativas de sistematizar a análise sobre diferenças dialetais surgiram como uma reação aos avanços da Filologia e outros estudos sobre as línguas. Foram os neogramáticos que começaram a busca por princípios gerais da mudança linguística. Para eles, as mudanças fonéticas são governadas por uma regra e o princípio seguido é que todas as mudanças fonéticas não admitem exceções. Como consequência disso, houve o desenvolvimento da Geografia Linguística (Geolinguística), uma metodologia, ou seja, um conjunto de métodos para compilar de maneira sistemática as demonstrações das diferenças dialetais. O fundamento da Geografia Linguística é muito simples. Ela procura criar uma base empírica sobre a qual se possam extrair conclusões a respeito da variedade linguística que ocorre em um lugar determinado. Segundo Chambers e Trudgill (1994), há uma relação entre a Geografia Linguística e a Linguística teórica uma vez que a Geografia Linguística surgiu como resposta a uma afirmação teórica dos neogramáticos. A Geolinguística revelou uma heterogeneidade que não se concebia antes e, portanto, jogava por terra toda e qualquer pressuposição de ausência de exceções. O embate inicial entre dialetólogos e linguistas deu lugar recentemente a uma aproximação com o reconhecimento de que o estudo da variação linguística pode ser sistematizado e que o estudo de dialetos é uma fonte de dados importante acerca da variação, de maneira que a corrente majoritária da Linguística agora apaga a distinção entre um e outro.

Ao longo do século XVIII, alguns trabalhos começam a construir os caminhos da Dialetoлогия no sentido de sistematizar o estudo da variação linguística por

meio mapas ou cartas geográficas e atlas. Um desses trabalhos é realizado pelo abade Grégoire que realiza na França em 1790 uma enquete com a finalidade de conhecer os *patois*⁵. Contudo, é, no século XIX, que os rumos da dialetologia e de seu método geolinguístico são delineados. Cardoso (2010) menciona vários trabalhos que ajudaram a construir os caminhos da Dialetologia. Vale citar a publicação, em 1841, por Bernardino Biondelli, do Atlas Linguistique de L'Europe, inspirado no Atlas Ethnographique du Globe de Adrien Balbi (1826). No Brasil, a história da Dialetologia é marcada pela presença de estudiosos como Amadeu Amaral e Antenor Nascentes, que publicaram alguns dos primeiros trabalhos sobre a Dialetologia brasileira.

Cardoso (2010) lembra que a história dos estudos dialetais tem demonstrado que a visão diatópica tem estado acompanhada da perspectiva social na construção da metodologia geolinguística. O valor que se atribui a uma visão ou a outra tem pesos distintos de acordo com o momento, a região, os objetivos do trabalho. A intenção de localizar os fatos linguísticos nos espaços geopolíticos sempre esteve presente nos estudos dialetais. Todavia, a preocupação com os aspectos sociais dos informantes e suas implicações no uso da língua tem sido mais recentemente observada pela Dialetologia, e principalmente pela Geografia Linguística.

O uso de pesquisadores treinados para recolha de dados teve seu início da maneira favorável na França, em 1896, com Jules Gilliéron, que idealizou um questionário que isolava unidades específicas das quais se poderiam obter respostas uniformes, embora este questionário sofresse revisões à proporção que a pesquisa avançava. Gilliéron escolheu Edmond Edmont para ser seu entrevistador. Edmont era um mascate, mas foi escolhido pela agudez de seu ouvido e foi treinado para fazer transcrições fonéticas. Durante quatro anos, de 1896 a 1900, percorreu de bicicleta a zona rural da França selecionando informantes e os entrevistando. Chambers e Trudgill (1994) afirmam que, ao final, ele tinha em torno de 700 entrevistas em 639 pontos diferentes e destes 700 informantes apenas 60 eram mulheres e apenas 200 dentre todos os entrevistados tinham escolaridade que se destacava acima da norma da população rural da época. Gilliéron e seus assistentes recebiam periodicamente os resultados que Edmont lhes enviava. À proporção que recebia dados novos, Gilliéron os incorporava a sua análise. Desta maneira, a publicação de seu estudo foi quase que imediata, começando em 1902 e o último volume, o décimo terceiro, foi publicado em 1910. Por sua eficácia e qualidade de seus resultados, a pesquisa de Gilliéron se tornou uma referência para estudos dialetológicos posteriores.

Segundo Cardoso (1998), a Geolinguística no Brasil ganha corpo em meados do século XX quando surgem as primeiras manifestações pela produção de um atlas

5 Dialeto rural francês, geralmente usado por um grupo restrito. Disponível em: [\[https://dicionario.priberam.org/patois\]](https://dicionario.priberam.org/patois). Acesso 05/11/2024.

linguístico do Brasil. A partir deste ponto, a pesquisa no campo da Dialetologia tem se desenvolvido. Estas pesquisas não caminharam em direção à elaboração de um atlas de abrangência nacional, mas buscavam mostrar realidades regionais, com diversos trabalhos publicados em vários pontos do país, efetivando atlas linguísticos por região. O primeiro Atlas publicado em território brasileiro foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, em 1963, de autoria de Nelson Rossi, Carlota Ferreira e Dinah Isensee. O Atlas seguinte a ser publicado foi o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG*, em 1977, de autoria de José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antonio Pereira Gaio. O terceiro a ser publicado foi o *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPh*, em 1984, de autoria de Maria do Socorro Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes. O quarto foi o *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS*, em 1987, de Carlota Ferreira, Judith Freitas, Jacyra Mota, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi. O quinto e último que elencamos aqui foi o *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR*, em 1994, de Vanderci de Andrade Aguilera. Todos estes Atlas contribuem para os estudos dialetais em todo o Brasil e seus dados podem ser usados para a reflexão acerca da divisão do país em distintos falares brasileiros.

3 O Percurso de Atlas Linguísticos regionais até o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Em 20 de março de 1952, o decreto 30.643 determinava que um dos objetivos da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa era elaborar um atlas linguístico do Brasil. A ideia de um atlas linguístico de abrangência nacional seria fornecer dados suficientes para possibilitar a delimitação de áreas dialetais a partir de amostras de fala coletadas e analisadas de maneira sistemática. Devido a uma série de dificuldades surgidas na época, o decreto não pôde ser cumprido e sua meta de elaborar o atlas não foi atingida. Por outro lado, trouxe uma consciência e estímulo para a sua criação.

A partir da década de 1960, começou a se ampliar o conhecimento da realidade linguística do Brasil. Levantamentos de dados empíricos, em áreas rurais e urbanas, deram origem a atlas regionais, entre os quais, temos o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), que foi o primeiro a ser publicado. Podemos citar, também, o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), bem como o *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II), entre outros. Além destes atlas que indicam áreas dialetais no Brasil, há também uma série de trabalhos monográficos, especialmente dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, que versam sobre o tema. Todavia, no que tange à subdivisão em seis falares citada por Nascentes, Mota (2006, p. 329) comenta que essa subdivisão pode não ser precisa porque:

As informações disponíveis são também insuficientes, quer pela ausência de dados sobre diversas regiões, quer pela intercomparação dos dados existentes, recolhidos com diferentes procedimentos metodológicos e com fins distintos.

Em 1996, retomou-se a ideia de construção de um atlas nacional com o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. Durante o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), constituiu-se um comitê nacional para elaboração do atlas. Este comitê, presidido pela Professora Dra. Suzana Cardoso da UFBA, conta com a participação de autores de atlas já publicados. O ALiB documenta dados linguísticos no Brasil de Norte ao Sul, do Leste ao Oeste e descreve a realidade linguística do Português Brasileiro enfatizando a identificação das diferenças diatópicas, que podem ser fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas dentro da perspectiva da Geolinguística. Aliado a isto, o ALiB tem como objetivo oferecer aos estudiosos da língua portuguesa, como linguistas, lexicólogos, entre outros, bem como aos pesquisadores de áreas afins, como historiadores, antropólogos e aos pedagogos informações para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do aspecto multidialetal do Brasil. Este projeto, também, objetiva estabelecer isoglossas para fixar a divisão dialetal do Brasil, evidenciando as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos. São 250 pontos que constituem sua rede de localidades que reúnem 1.100 informantes. O informante tem perfil que está atrelado ao espaço em que ele vive. Este informante e seus pais devem ser oriundos da localidade estudada e não devem apresentar muita mobilidade. Igualmente, variáveis de cunho social como idade, sexo e escolaridade são, também, consideradas para a análise dos dados. Estes 1.100 informantes estão distribuídos em duas faixas etárias. A primeira é de 18 a 30 anos e a segunda é de 50 a 65 anos, contemplando os sexos masculino e feminino. Todos os informantes devem ser alfabetizados. Os quatro informantes das cidades do interior devem ter no máximo até a oitava série do ensino fundamental e nas capitais, quatro dos oito informantes devem ter nível universitário⁶.

Cardoso (2006) relata quatro etapas que se constituem em subprojetos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. A primeira etapa, que ela considera como o momento de *concepção do projeto e definição da metodologia*, vai de 1996 até 2002. Neste momento, fixaram-se a rede de pontos, o perfil e número de informantes e o questionário, que se constitui em instrumento básico do trabalho. O questionário foi elaborado em três versões sucessivas e publicadas pela UEL (Universidade Estadual

⁶ Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil disponíveis nos sites: [<https://alib.ufba.br/content/transcrites>]; [<https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>]. Acesso: 05/11/2024.

de Londrina). O aprimoramento deste instrumento do trabalho de coleta de dados dialetológicos se deu por meio de testes em várias regiões do país. A última destas três versões foi publicada em 2001 e vem sendo usada nacionalmente por pesquisadores da área. A autora chama a segunda etapa de elaboração do atlas de *a constituição do corpus e a transcrição dos dados*. Esta etapa vai de 2001 até 2006 para as capitais dos estados e de 2008 a 2013 para os demais pontos da rede. Esta segunda etapa compreende o registro dos dados de todas as capitais de estado do Brasil. Palmas e Brasília não entram neste estudo por serem cidades de criação recente e não terem tradição linguística. Outro momento desta segunda fase é a constituição do *corpus* dos demais pontos da rede. A terceira etapa consiste na *transcrição e a análise dos dados*. Nesta fase do trabalho, ocorrem a transcrição grafemática dos registros e a definição da transcrição fonética observada, tema do V WORKALIB realizado em 2005 em Salvador, bem como a continuação da análise dos dados. A quarta etapa pontuada por Cardoso (2006) se refere à *editoração dos dados e à publicação dos resultados*. A divulgação dos resultados se dá por meio da apresentação de um mapeamento linguístico do Brasil.

4 ALiB – uma breve análise da variação semântico-lexical entre Salvador e Curitiba

Oliveira (2014) realizou uma pesquisa da variação geográfica ou diatópica entre Salvador, Bahia e Curitiba, Paraná, utilizando o questionário semântico-lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com o objetivo de conhecer qual item lexical responderia a seguinte pergunta: *um rio pequeno, de uns dois metros de largura?*, como mostramos no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Questão do QSL utilizado nesta pesquisa

QSL N°	Item Semântico-Lexical	Formulação da Pergunta	Área Semântica
01	CÓRREGO/RIACHO	Um rio pequeno, de uns dois metros de largura?	A C I D E N T E S GEOGRÁFICOS

Fonte: Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB, 2001.

A escolha por esse recorte se dá pelo fato de ambas as cidades não apresentarem contiguidade geográfica e estarem situadas em regiões diferentes (Salvador, Bahia, Nordeste do Brasil, representado pelo número 093 nos dados do ALiB; Curitiba, Paraná, Sul do Brasil, representado pelo número 220). O objetivo era observar se o léxico fornecido pelos informantes apresenta mais homogeneidade ou heterogeneidade. São 16 informantes, sendo oito em Salvador e oito em Curitiba. Quatro informantes em cada cidade têm nível universitário e quatro cursaram até

oitava série do ensino fundamental distribuídos em duas faixas etárias (18 a 30 anos – 50 a 65 anos) e no sexo masculino e feminino.

O Quadro 2 apresenta o resultado da primeira questão do QSL, referente à área semântica acidentes geográficos. Os percentuais usados na análise são obtidos a partir do total das duas capitais, considerando a quantidade de informantes que responderam e as variantes mais produtivas. O Quadro 2 apresenta a pergunta do QSL na primeira coluna, a segunda coluna exibe os itens lexicais fornecidos pelos informantes em Salvador e em Curitiba, os traços longos nas terceiras e quartas colunas indicam a inexistência de resposta dos informantes e na quinta coluna, apresentamos o total de itens lexicais fornecidos nas duas cidades.

Quadro 2 – Denominações para rio pequeno em Salvador e em Curitiba

QUESTÃO	SALVADOR (093)– CURITIBA (220)	SALVADOR (093)	CURITIBA (220)	TOTAL
01	Córrego (093-2/220-4) Riacho (093-4/220-3) Riozinho (093-2/220-1)	_____	_____	16

Fonte: Oliveira (2014). Dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

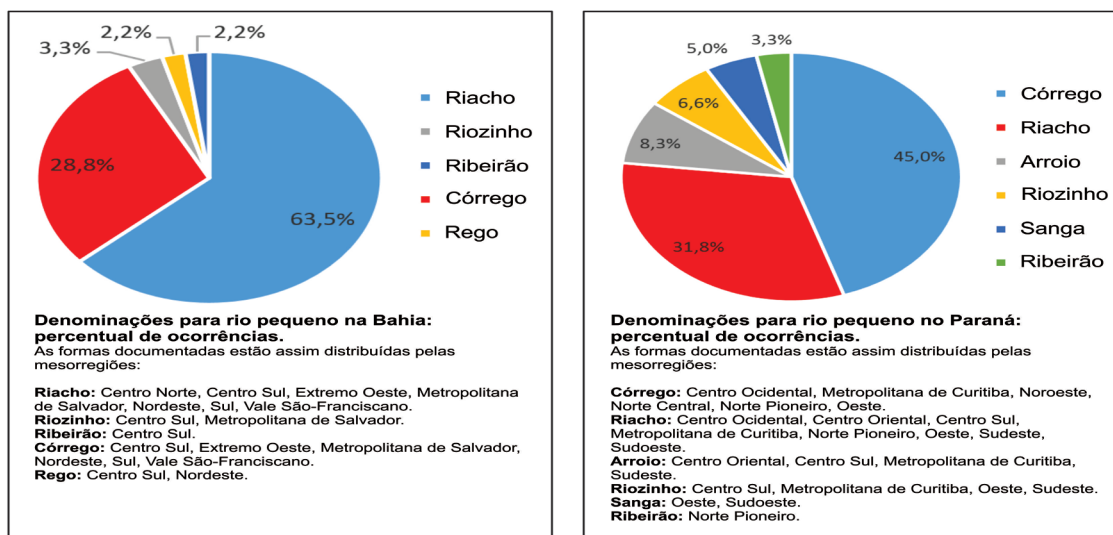
No Quadro 2, apresentamos a totalidade dos informantes de ambas as capitais, os quais forneceram três lexias mais produtivas para o conceito *rio pequeno* perfazendo 16 ocorrências, as quais aparecem elencadas no Quadro 2. As lexias *riozinho*, *córrego* e *riacho* estão presentes em Salvador e em Curitiba. As ocorrências mais produtivas foram *riacho* e *córrego*. Contudo, há uma preponderância de *riacho* sobre *córrego*. *Riacho* foi fornecido por quatro informantes no ponto 093 e por três informantes no ponto 220. Temos, então, um total de sete ocorrências, perfazendo 43,8% das ocorrências nas duas capitais. *Córrego* foi fornecido por dois informantes no ponto 093 e quatro no ponto 220, perfazendo um total de seis ocorrências. Isto significa 37,5% das ocorrências nas duas cidades. *Riozinho* foi fornecido por três dos informantes – dois no ponto 093 e um no ponto 220. *Riozinho* representa 18,7%. O Quadro 2 mostra a maior produtividade da variante *riacho*, disseminada nas duas capitais, em comparação com as demais formas lexicais. O diminutivo *riachinho* foi computado como *riacho* e entra tanto na tabela quanto na apresentação percentual como tal. Três informantes no ponto 093 e um informante no ponto 220 não souberam responder.

No Gráfico 1, mostramos todos os itens lexicais fornecidos pelos informantes referentes à questão 01 do QSL do Atlas Linguístico do Brasil nos estados da Bahia e

OLIVEIRA, Genivaldo da Conceição, PAIM, Marcela Moura Torras Paim. *Variação linguística pelos veios dialetológicos e a perspectiva sociolinguística: um breve passeio pelos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*

do Paraná, incluindo Salvador e Curitiba. Trazemos o Gráfico 1 com todos os itens lexicais arrolados nos dois estados para mostrar aos pesquisadores da Dialetologia e da Língua Portuguesa outras possibilidades de expandir este estudo. Contudo, neste recorte analisamos apenas as duas capitais.

Gráfico 1 – Total de lexias na Bahia e no Paraná para a questão 01 do QSL do ALiB.



Fonte: Oliveira (2014). Dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Considerações finais

A variação linguística ocorre em vários níveis da fala, como o fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático e se apresenta como elemento presente ou elemento ausente em lugares distintos constituindo variação diatópica. A diversidade linguística, também, pode ocorrer por conta de fatores sociais como idade, escolaridade e sexo, que denominamos variação diageracional, diastrática e dissexual. Os estudos dialetais contribuem para o reconhecimento da diversidade linguística em todos os níveis da fala, auxiliando docentes e discentes no ensino e na aprendizagem da Língua Portuguesa.

Os Atlas linguísticos surgiram como uma forma de mapear os dados linguístico em um espaço físico específico. No Brasil, os primeiros atlas não caminharam em direção à elaboração de um atlas de abrangência nacional, mas buscavam mostrar realidades regionais, com diversos trabalhos publicados em vários pontos do país, efetivando atlas linguísticos por região. O primeiro Atlas publicado em território brasileiro foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, em 1963. Em 1996, retomou-se a ideia de construção de um atlas nacional com o

surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, o qual fornece dados sobre o aspecto multidialetal do Brasil.

Os dados apresentados neste estudo referentes à questão 01 do QSL do ALiB mostram que o léxico fornecido para a pergunta como se chama *um rio pequeno* é mais homogêneo do que heterogêneo, considerando este pequeno recorte utilizado nesta pesquisa, a cidade de Salvador (Bahia) e Curitiba (Paraná), sendo *riacho* e *córrego* os itens lexicais mais produtivos.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico – O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2000.
- BALBI, Adrien. *Atlas Ethnographique du globe, ou classification des peuples anciens et modernes d'après leurs langue*. Paris: Rey et Gravier, 1826.
- BIDERMAN, Maria T. C. *Teoria linguística: leitura e crítica*. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 2001.
- CARDOSO, Suzana Alice. *A Geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas*. Org. Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: UEL, 1998.
- CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística – Tradição e Modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice. *O Projeto ALiB e sua Trajetória*. In: Documentos 2 – Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: quarteto, 2006.
- CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. *La Dialectologia*. Traducción Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, Diacronia e História – O problema da mudança linguística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e Sexo*. Tradução Carmen Rosa Caldas-Coulthard. São Paulo: Ática, 1991.
- GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la France*. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1910.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de Sociolingüística y sociología del language*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

MOTA, Jacyra Andrade. *Áreas Dialetais Brasileiras*. In: *Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil*. Orgs. CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Salvador: Apoio, 2006.

OLIVEIRA, G. C. *O léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo*. 2014. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2014.

POP, Sever. *La dialectologie. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*, vols. 1 e 2. Louvain: Chez L'Auteur; Gembloux, Duculot, 1950.

PRETI, Dino. *Sociolinguística – os níveis da fala*. São Paulo: Edusp, 2003.

QSL. *Questionário Semântico-Lexical*. Comitê Nacional do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.

ROSSI, Nelson. A dialetologia. ALFA, Marília, n. 11, p. 89-116, 1967.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Socio-Linguística*. São Paulo: Ática, 1997.

Submetido: 18/11/2024

Aceito: 20/02/2025

Publicado: 22/02/2025

Vol. 01, **Nº 03** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS

LÍNGUA E IDENTIDADE JORDÃO BASTO LINGÜÍSTICO SOCIOLINGÜÍSTICA

DIALETOLOGIA

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA ETNOLINGÜÍSTICA

DIALETO GEOLETO SOCIOLETO VARIAÇÃO

ATLAS LINGÜÍSTICO SOCIOLINGÜÍSTICA

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS LINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

PLURILINGÜISMO RELACIONAMENTO

LÍNGUA E IDENTIDADE

DIALETOLOGIA

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

DIALETO GEOLETO SOCIOLETO

ATLAS LINGÜÍSTICO SOCIOLINGÜÍSTICA

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS LINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

PLURILINGÜISMO RELACIONAMENTO

LÍNGUA E IDENTIDADE

DIALETOLOGIA

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

DIALETO GEOLETO SOCIOLETO

ATLAS LINGÜÍSTICO SOCIOLINGÜÍSTICA

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS LINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

PLURILINGÜISMO RELACIONAMENTO

LÍNGUA E IDENTIDADE

DIALETOLOGIA

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

DIALETO GEOLETO SOCIOLETO

ATLAS LINGÜÍSTICO SOCIOLINGÜÍSTICA

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS LINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

PLURILINGÜISMO RELACIONAMENTO

LÍNGUA E IDENTIDADE

DIALETOLOGIA

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

DIALETO GEOLETO SOCIOLETO

ATLAS LINGÜÍSTICO SOCIOLINGÜÍSTICA

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS LINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

PLURILINGÜISMO RELACIONAMENTO

LÍNGUA E IDENTIDADE

DIALETOLOGIA

SOCIOLINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

PLURILINGÜISMO RELACIONAMENTO

LÍNGUA E IDENTIDADE

DIALETOLOGIA

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

DIALETO GEOLETO SOCIOLETO

ATLAS LINGÜÍSTICO SOCIOLINGÜÍSTICA

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS LINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

PLURILINGÜISMO RELACIONAMENTO

LÍNGUA E IDENTIDADE

DIALETOLOGIA

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

DIALETO GEOLETO SOCIOLETO

ATLAS LINGÜÍSTICO SOCIOLINGÜÍSTICA

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS LINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

SOCIOLINGÜÍSTICA

PLURILINGÜISMO RELACIONAMENTO

LÍNGUA E IDENTIDADE

DIALETOLOGIA

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

DIALETO GEOLETO SOCIOLETO

ATLAS LINGÜÍSTICO SOCIOLINGÜÍSTICA

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS LINGÜÍSTICA